1.978 - ANO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE GUARATINGUETÁ

MUSEU "FREI GALVÃO"

INSTITUTO DE ESTUDOS VALEPARAIBANOS

Pr. CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES, 48, 1º ANDAR

GUARATINGUETÁ - ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL

VIAJANTES E PINTORES EUROPEUS EM GUARATINGUETÁ, NOS SÉCULOS PASSADOS.

CARLOS MARCONDES



Antes de D. João VI chegar ao nosso país, o Brasil era considerado na Europa como um mito. Imaginavam que estava cheio de índios, com cidades de ouro, montanhas de prata e assim por diante. O Brasil fascinava os europeus, que pensavam que aqui enriqueceriam facilmente. "FAZER A AMÉRICA" era a frase usada na época, significando enriquecimento rápido.

Com a queda do império Napoleônico, Portugal restabeleceu relações diplomáticas com os outros países e vieram para o Rio de Janeiro embaixadores da França, Áustria, Rússia, enfim, de vários países europeus.

Esses embaixadores começam a escrever para a Europa relatando coisas sobre o Brasil e isso começa a despertar a curiosi

dade sobre nossa terra. Cientistas, escritores, pintores e viajantes começam a chegar. Nessa época, inúmeros livros sobre o Brasil - principalmente diários de viagens - fizeram enorme sucesso. Dentre estes, destaca-se principalmente o "Diário da Jornada que fez o excelentíssimo Senhor Dom Pedro desde o Rio de Janeiro até a cidade de São Paulo, e desta até Minas Gerais," datado de 1717. Dom Pedro de Almeida Portugal e Vasconcellos, que ficou mais conhecido como Conde de Assumar, era então o Governador das Capitanias de São Paulo e Minas e fazia esta viagem para tomar posse de seu cargo. Foi ainda nessa jornada, quando de sua estadia em Guaratinguetá que aconteceu encontrar se nas águas do rio Paraíba a imagem de Nossa Senhora da Conceição "Aparecida".

Quando a princeza D. Leopoldina veio da Áustria para se casar com o principe D. Pedro, depois Pedro I, trouxe consigo uma corte formada de pessoas de cultura, de botânicos e um grande pintor:- Tomás Ender. Este viajou do Rio de Janeiro a São Paulo, passando pelo Vale do Paraíba em 1817, deixando muitas gravuras sobre igrejas, casario e transportes. No mesmo ano, os botânicos Spix e Martius, passaram por nossa região deixando sobre a mesma, inúmeras descrições e anotações, que foram publicadas sob o título "Viagem ao Brasil", obra em três volumes.

De 1816 são as importantes publicações de Aires do casal, de nacionalidade portuguesa.

Em 1823, passa por aqui, o francês Saint Hilaire. Publicou ele "Segunda Viagem a São Paulo e Minas Gerais", onde encontramos muitas informações sobre todo o Vale do Paraíba e principalmrnte sobre Guaratinguetá.

Em 1824, passa o pintor Jean Bàptiste Debret, também fran

cês, e que viera ao Brasil a convite de D. João VI para organizar no Rio de Janeiro a Real Academia de Belas Artes. Voltou a França em 1831, levando grande número de gravuras valeparaibanas. Tivemos também a visita de outro francês - PALIÉRE - que publicou em 1828, um livro onde fala sobre Guaratinguetá.

Outro diário de viagem que dedica um bom capítulo a nossa terra é o do escritor portugues A. Emílio Zaluar, que escreveu "Peregrinação pela província de São Paulo" (1860-1861).

Há ainda documentos e artigos de escritores e cientistas, esparsos e muitas vezes perdidos em velhas publicações, sobre a região valeparaibana e sobre Guaratinguetá, e que ainda poderão ser descobertos e aproveitados nos estudos valeparaibanos e Guaratinguetaenses.

Todos esses depoimentos devem ser conhecidos, para que se tenha noção de nossa terra nos séculos passados e da sua formação histórica e social. É através de Aires do Casal, por exemplo que temos a seguinte informação sobre Guaratinguetá em 1816:

"Guaratinguetá, vila considerável, situada perto da margem direito do Paraíba, que a abastece de peixes, pouco menos de 8 léguas a nascente de Pindamonhangaba. Ornada com uma grande igreja matriz, dedicada a Santo Antonio, uma capela do Rosário e outra capela de São Gonçalo. (a capela do Rosário existiu onde hoje é o Bar Pequeno, na esquina da Rua Monsenhor Filipo com a Praça Conselheiro Rodrigues Alves, tendo sido demolida em 1935 e a igreja de São Gonçalo ficava no local da atual igreja de São Benedito). As casas são de taipa e seus habitantes cultivam mantimentos com muito tabaco. Criam porcos e gado, tecidos de algodão, que com o açúcar são importantes, sendo o território muito apreciado para os vegetais. São os principais ramos do comércio da vila. Pouco mais de meia légua

arredada fica a famosa e visitada capela de Nossa Senhora Aparecida.

Em 1817, Spix e Martius, vindos do Rio de Janeiro, assinalam que "em Guaratinguetá, como por toda a parte do interior do Brasil, poucos são os ofícios praticados por associações (sindicatos). Por outro lado, não se pode dizer que haja liberdade de profissões, pois ainda são poucos os ofícios existentes... Não estranhamos, portanto, que nessa vila nos tivessemos que contentar com a refeição frugal, um tatu que havíamos caçado no caminho. Da vila segue caminho a sudoeste, sempre no Vale do Paraíba. Tem-se à esquerda a vista de bela série de colinas, bem plantadas com feijão, milho, mandioca e fumo. À direita alarga-se o vasto Vale até a Serra da Mantiqueira, que apresenta aspecto isolado, deserto, quase sem vestígios de culturas, coberto de densa vegetação e muitas goiabeiras. Só a esperança de que milhares de felizardos venham habitar um dia essas paragens lindas anima o viajante".

AUGUST DE SAINT-HILAIRE, francês, que passou por aqui entre 1822-23, é mais minucioso ainda: Descreve de Guaratinguetá à Aparecida:- "Não se vê uma casa que denuncie bem estar; passa-se sucessivamente diante de uma infinidade de casas pequenas e pequenas vendas. É hoje domingo. Uma multidão de pessoas concorre à missa. Alguns homens a cavalo estavam regularmente vestidos; encontramos um número bastante grande de mulheres montadas e muitas mesmo não estavam acompanhadas de homem algum. Trajavam muitos costumes do país e da região, chapéu de feltro, uma espécie de :- de amazonas.- Raras respondiam ao cumprimento, que se lhes faz. Montam-se eretas, não virando a cabeça nem para um lado nem para o outro e olham bastante com um rápido olho. Andam às pernas (a pé) e muitas vezes com os pés nús. Usam saia e camisa de algodão e levam aos ombros uma capa com um grande pedaço de pano azul tendo na cabeça um chapéu de feltro. Os traços de sangue indígena distinguem facilmente nas camponesas dessa região. Em Guaratinguetá encontramos também negros que por ali conduziam víveres. É a mesma coisa todos os domingos, dia que a gente do campo envia seus produtos à cidade. Quando José (guia deles) pedia milho nas vendas, mandavam que voltasse no domingo.

Os trechos acima estão muito reduzidos, pois os viajantes e estudiosos de nossa região daquela época, escreveram muito mais sobre nossa terra e nossa gente. É preciso que se conheça o que escreveram eles, para que se conheça melhor Guaratinguetá - "Vila-considerável " nos séculos passados.